



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

ALINE PELLEGRINO II

(depoimento)

2014

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE



Número da entrevista: E-434

Entrevistada: Aline Pellegrino

Local da entrevista: Centro Olímpico – São Paulo

Entrevistadoras: Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin

Data da entrevista: 14/05/2014

Transcrição: Pamela Siqueira Joras

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Data da autorização para publicação no Repositório: 09/07/2014

Total de gravação: 17 minutos e 50 segundos

Páginas Digitadas: 3 páginas

Observações:

Entrevista realizada pelo coletivo *Guerreiras Project* com o objetivo de gerar a produção de um vídeo sobre futebol e mulheres no Brasil.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

O início da prática do futebol na infância; Apoio da família; Transição do futebol amador para o profissional; O início da carreira no São Paulo Futebol Clube; Avaliação sobre o futebol feminino no passado e na atualidade.

N.M. – Aline, quem é você? De onde você é? Como você começou a jogar futebol e onde você está agora?

C.F. – Então como você começou a jogar futebol?

A.P. – Não, faz uma pergunta de cada vez, ou duas, três assim...

C.F. – Quem é você e como você começou a jogar?

A.P. – Meu nome é Aline Pellegrino, eu tenho 31 anos, sou natural de São Paulo, nascida em São Paulo na zona norte e comecei a jogar futebol por volta dos seis, sete anos, na rua, com os meninos.

C.F. – E você sempre teve apoio para jogar futebol?

A.P. – Quando eu comecei a jogar, até mais ou menos dos seis aos quatorze, quinze anos, que foi quando eu comecei a jogar de uma maneira mais séria, mais profissional. Futebol para mim sempre foi prazer, puro prazer, eu fazia porque eu gostava muito de fazer e teoricamente assim não encontrava muita dificuldade. Porque só tinha meninos jogando, então eu jogava com os meninos, porque eram os meninos que tinha ali. Com doze anos começou a ter meninas para jogar também e eu jogava com as meninas; para mim era indiferente eu estaria jogando futebol com quem fosse, porque eu gostava muito de jogar futebol e não conseguia não fazer isso, entendeu? Eu fazia os outros esportes, nessa mesma época eu fiz ginástica olímpica, atletismo, vôlei, mas o futebol sempre estava ali do lado paralelo, porque era o que eu realmente gostava.

C.F. – E seus pais sempre apoiaram você?

A.P. – Não, minha mãe nunca foi... Até é engraçado porque eu parei para pensar sobre isso algumas semanas atrás, qual era a posição da minha mãe nesse momento? Não é? Porque a posição do meu pai eu sempre tive muito clara: de não deixar, de brigar, não queria que eu estivesse jogando futebol, então, sempre partia dele o não é para fazer, o castigo ou alguma coisa nesse sentido. Com relação a minha mãe eu não sabia muito o que ela pensava, fui

perguntar para ela esses dias e acho que vou ter que deixar ela pensando também, um bom tempo, porque acho que nem ela tinha parado para pensar com relação a isso. Porque era o meu pai sempre que tomava a frente e o meu pai não deixava, não gostava que eu jogasse, porque eu estava sempre jogando com os meninos.

C.F. – Você parou de jogar agora, mas continua com o futebol no Guerreiras¹, queria que você contasse um pouco sobre a Seleção, os clubes onde jogou, se você sempre esteve aqui no Brasil?

N.M. – É, como você começou a jogar, na escolinha e depois o clube?

A.P. – É a transição, rua, brincadeira, menino pra uma coisa mais séria, não é? Com meninas, um clube, campeonatos, aconteceu quando eu tinha mais ou menos doze anos. Que daí foi a primeira escolinha que eu comecei a fazer parte, que era no bairro onde eu morava, que era no Horto Floresta². E aí depois de dois anos o meu pai mesmo que no começo brigava com tudo, ele começou a assistir esses jogos que eu fazia de final de semana para a escolinha. E aí eu via assim, porque até então ele escutava as pessoas falando: "Nossa! Aquela menina no meio dos meninos. Que Horror! Que isso! Que aquilo!" Então ele meio que ouvia uma coisa negativa e isso acho que influenciava um pouco as decisões dele com relação ao que ele passava para mim. E aí quando eu comecei a jogar nesse time feminino, nessa escolinha ele ia também assistir os jogos, mas ele ia escondido e aí ele ouvia das pessoas ali do lado de fora do alambrado: "Nossa! Como essa menina joga bem! Como ela é isso, como ela é aquilo!" Homens, mulheres, uma série de coisas... E aí partiu dele mesmo procurar um time para eu jogar, ele ligou para todos os clubes de São Paulo, todos os clubes grandes de São Paulo. E, naquela época, o São Paulo Futebol Clube estava fazendo uma peneira e ele me inscreveu tudo e foi aí que eu fiz essa transição da brincadeira para entrar num clube mesmo e começar a treinar sério. Aí não necessariamente foi tão legal assim, porque muitas vezes a gente não está preparada para isso. É prazer, é brincadeira, é gostoso e de repente eu fiz essa transição também muito rápido. Do que é muito sério, é treino profissional de manhã à tarde, uma cobrança então

¹ Guerreiras Project.

² Bairro situado na Zona Norte de São Paulo.

também foi uma transição que eu senti um pouco, e por um momento podia... Cheguei até pensar em: “Não, não é isso que eu quero, nem nada disso!”

C.F. – Você pode falar um pouco sobre futebol feminino [inaudível] hoje em dia você olhando para trás a evolução do jogo [inaudível] e olhando para frente tem mais apoio hoje... Como que é?

N.M. – Acho que baseado também na sua experiência, não é? Foi para o São Paulo³, aí não sei se outro clube, aí no Santos⁴...

A.P. – É, eu comecei no melhor time que tinha no Brasil naquela época, que foi 1997, estar no São Paulo Futebol Clube era estar na seleção brasileira. Toda a comissão técnica era a seleção brasileira, 80% das jogadoras eram da seleção brasileira. Então assim, eu simplesmente deixei de ser aquela menina que jogava muito bem entre os meninos ou que era a melhor do time da escolinha e fui passar a jogar com o que tinha de melhor no Brasil, que eu também não conhecia, não tinha essa noção. E aí você não é tão boa assim, não se sobressai tanto assim e então aquilo que eu falei essa transição foi um pouco estranha, foi difícil me adaptar. Mas aí eu estava no melhor, comecei no que tinha de melhor, isso com quinze anos e encerrei a carreira com trinta e um. Então foram dezesseis anos de carreira de estrada com clube, com seleção... E olhando assim, olhando para trás se a gente for pensar na parte técnica da coisa, do futebol eu acho que a gente evoluiu muito. Claro naquela época tinham jogadoras... É que evoluiu, como o futebol evoluiu. E aí a gente vai falar do futebol dos homens também, o futebol como um todo era diferente há quinze anos atrás, eu acho que o futebol feminino é... Na parte técnica, na parte tática talvez um pouco menos, talvez acompanhou essa evolução que o futebol teve de ser um futebol mais físico de mais força. Então não é tanto aquele futebol mais lento, mais técnico, que era também aquela época, mas se eu fizer esse olhar assim com relação à evolução da modalidade, acho que o meu foi inverso, eu comecei no que tinha de melhor!

[FINAL DA ENTREVISTA]

³ São Paulo Futebol Clube.

⁴ Santos Futebol Clube.